

# ARTE CONTEMPORÂNEA AFRICANA: SUA VISIBILIDADE E ACEITAÇÃO NO MERCADO DAS ARTES DO PRIMEIRO MUNDO

## AFRICAN CONTEMPORARY ART: ITS VISIBILITY AND ACCEPTANCE IN THE FIRST WORLD ARTS MARKET

VALDRIANA CORRÊA \*

**Resumo:** Apenas no século XX os artefatos produzidos pelos povos africanos passaram a ser considerados arte. Ainda hoje, esses artefatos que outrora influenciaram artistas europeus como Picasso e Matisse, servindo, inclusive, como mote para o início da vanguarda cubista são, muitas vezes, a primeira referência de arte africana no imaginário das pessoas. Entretanto, a arte africana está ganhando espaço na arte contemporânea e, apesar das influências da globalização, ela não perde sua essência, passando a ser vista com respeito e reconhecimento pelo sistema das artes.

**Palavras-chave:** África; Arte Contemporânea; Influência.

**Abstract:** Only in the twentieth century did artifacts produced by African peoples come to be considered art. Even today, these artifacts, that which influenced European artists such as Picasso and Matisse and were one of the nicknames for the beginning of the cubist avant-garde, are often the first reference of African art in the imaginary of the people. However African art is gaining ground in contemporary art and despite the influences of globalization it does not lose its essence and has come to be seen with respect and recognition by the arts system.

**Keywords:** Africa; Contemporary Art; Influence.

---

*Artigo recebido em 25 de março de 2018 e aprovado para publicação em 07 de maio de 2018.*

\* Bacharel em História da Arte pela UFRGS ó Universidade Federal do Rio Grande do Sul (e-mail: valdriana@terra.com.br)

A arte africana contemporânea é produto de um processo sócio-histórico cuja dinâmica precisa ser levada em consideração. Se é certo que a globalização, característica principal da nossa época, não é um fenômeno exclusivo do século XX ou XXI, mas que surge logo que a técnica permite uma invenção que dá lugar a novas possibilidades de relações e de sociedades, devemos admitir que, sob sua nova fórmula, ela trouxe alterações que modificaram não só a nossa concepção de mundo, como também o modo como urge reconstruí-lo. A situação em que se encontram os países africanos, bem como as suas culturas, conforma um índice que nos esclarece, indubitavelmente, sobre a transformação que as nossas sociedades como um todo vêm sofrendo atualmente. Com efeito, a porosidade das fronteiras, uma questão importante para esses países, do mesmo modo que as identidades nacionais e as suas culturas, torna-se, hoje, uma realidade que suscita muitas interrogações. A globalização arrastou a desterritorialização das culturas e a explosão dos poderes centrais, dando, assim, lugar a novas culturas, chamadas híbridas.

A África é um continente com 54 países, que têm uma produção artística altamente diversificada, sendo influenciados por diferentes religiões, por seus contextos de vida, por suas histórias, por seus períodos coloniais, enfim, por múltiplas e diferentes influências. O continente africano acolhe uma grande variedade de culturas e expressões artísticas, e a arte africana reflete essa riqueza da história, da filosofia, da religião, dos mitos e das culturas da África.

Diz-se frequentemente que a imagem da África no estrangeiro está longe de ser brilhante. As guerras e a pobreza promovem uma visão negativa nos meios de comunicação social no Ocidente. Mas, ao mesmo tempo, as expressões culturais africanas estão encontrando o seu caminho no mundo inteiro, propondo uma imagem dinâmica de criatividade. A literatura africana, as artes plásticas, a música, a dança, o cinema e o teatro despertam interesse crescente em um mundo marcado por relações interculturais. O reconhecimento dessa cultura fora da África, particularmente no mundo ocidental, nas últimas décadas, deve-se à maturidade do mercado, ao alargamento das fronteiras e a um maior respeito às formas de expressão da cultura africana.

Sobre essa questão de afirmação de uma identidade nas artes plásticas africanas sem se perder no contexto da globalização, o antropólogo e professor da Universidade de São Paulo Kabengele Munanga nos fala em seu artigo *“A dimensão estética na arte negro-africana tradicional”*:

Sem dúvida, para projetar o que seremos amanhã, precisamos saber o que somos hoje. E, para saber o que somos hoje, precisamos ter uma ideia sobre o que fomos ontem. Mas nem por isso, devemos ficar perpetuamente presos às formas de arte tradicionais que hoje pertencem ao patrimônio cultural da humanidade. A arte deve ser sempre a arte de sua época, isto é, ao serviço das necessidades da sociedade que a engendrou. Será então a partir da relação das necessidades mais urgentes do povo africano no estado atual que a sua arte trilhará novos caminhos e novas orientações sem desvincular-se dos movimentos artísticos internacionais e sem abrir mão de sua identidade.<sup>2</sup>

Partindo desse ponto, surgiu, em 2013, a *1:54 Contemporary African Art Fair*, principal feira transnacional para projetos e práticas artísticas africanas ou relacionadas com a África. O nome da feira, uma referência aos 54 países que constituem o continente africano, resume um dos seus principais objetivos: dar visibilidade à produção múltipla e diversa do continente junto a uma audiência internacional. Em última instância, é um catalisador que promove o envolvimento de colecionadores, instituições culturais, além de evidenciar de forma mais ampla a cena da arte contemporânea africana, que até muito recentemente era negligenciada internacionalmente.

Concebida como uma plataforma para artistas, galerias, curadores, centros de arte independentes e instituições dedicadas à promoção da arte africana, a *1:54 Contemporary African Art Fair* parece exceder o papel usualmente atribuído a uma feira de arte – o de vender arte –, chegando com a intenção de educar as pessoas em certos tópicos que comercialmente não seria capaz de fazer.

A ideia de implementação da feira partiu de Touria El Glaoui (1974), nascida e criada no Marrocos, mas que passou muitos anos entre Londres, Oriente Médio e vários países da África trabalhando para um escritório de uma grande multinacional na divisão de desenvolvimento de negócios. Paralelamente a isso, cuidava dos negócios de seu pai, Hassan El Glaoui (1924), um dos maiores e mais reverenciados artistas marroquinos da atualidade, organizando e fazendo curadoria de suas exposições.

Em uma entrevista à revista digital Buala, uma plataforma que promove ligações intercontinentais através de um portal online de crítica e documentação de questões pós-coloniais e transatlânticas, Touria El Glaoui falou sobre o que a motivou no início dessa empreitada:

No meu trabalho anterior, estava viajando por África para uma empresa americana vendendo diferentes soluções em diferentes países da África e era a mesma coisa.

<sup>2</sup> MUNANGA, Kabengele. *A dimensão estética da arte negro-africana tradicional*. In: AJZENBERG, Elza. (Org.) São Paulo. Ed. Arte conhecimento. MAC/USP, 2004. Disponível em: <http://www.macvirtual.usp.br/mac/arquivo/noticia/Kabengele/Kabengele.asp> (Acesso em 30 de junho de 2016).

Estava fora por longos períodos de tempo em diferentes cidades africanas e, por causa do meu pai, a minha referência é arte. Não conhecia as cidades que estava visitando, pensava no que podia fazer ao fim de semana e ia visitar ateliês de artistas, algumas galerias etc. e ficava extremamente surpreendida com a qualidade e a riqueza incrível que podíamos encontrar em termos de cena artística, mas quando voltava para a Europa ou para a América onde trabalhava, não havia evidência ou rastro do que tinha observado. Então, basicamente tentei imaginar porque artistas africanos não têm a mesma integração no circuito internacional como outros artistas de diferentes regiões da Europa ou dos Estados Unidos, e principalmente, uma das razões era o acesso porque alguns deles estavam baseados no continente. Os colecionadores europeus ou americanos ainda veem a África como um lugar onde talvez não se produz arte contemporânea africana, porque há guerras civis, há problemas de saúde. A África é sempre representada pela mídia mais com histórias negativas, do que positivas. Do ponto de vista do colecionador acho que há curiosidade, o colecionador compra se acha que há qualidade, se fica fascinado e é atraído pela arte. Mas se não vê isso, não há maneira de comprar. Acho que a ideia original era realmente reequilibrar o número de artistas que participam destas exposições internacionais e tentar assegurar que instituições como museus poderiam vê-los, que colecionadores poderiam comprá-los. Pensei que para isto acontecer, era necessária uma plataforma na Europa ou nos Estados Unidos.<sup>3</sup>

Diante desse panorama, Touria criou a feira *1:54 Contemporary African Art Fair*, que teve sua primeira edição em 2013, em Londres. O local escolhido foi o imponente palácio neoclássico às margens do rio Tâmis, Somerset House (Fig. 1), que também já havia abrigado a Royal Academy.<sup>4</sup>



Figura 1 ó Somerset House London ao fundo. Em primeiro plano obra de Zak Ove (1966), *The Invisible Man and the Masque of Blackness*, (2016). Photo: Naomi Rea

<sup>3</sup> GLAUOI, Touria El. In: VUDAL JUNIOR, Ícaro. Mercado, visibilidade e sustentabilidade para a arte contemporânea africana, conversa com Touria El Glaoui, diretora de 1:54. *Revista Buala*. São Paulo. Mai/2016. Trecho da entrevista disponível no site <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/mercado-visibilidade-e-sustentabilidade-para-a-arte-contemporanea-africana-conversa-com-> (Acesso em 02 de julho de 2016)

<sup>4</sup> De acordo com o site oficial do Somerst House. Disponível em <https://www.somersethouse.org.uk/> (Acesso em 05 de julho de 2016).

Se levarmos em consideração o contexto histórico colonial vivido por essa população, chegar a Londres pode ser um grande sonho para um cidadão africano. Durante muito tempo, somente as famílias mais abastadas e com recursos podiam fazer com que seus filhos fossem para lá para estudar, tendo, assim, uma maior aceitação e integração na sociedade colonizada. Alguns anos mais tarde, artistas africanos são reconhecidos pelo seu trabalho e convidados a expor fora do continente, agora não mais como colonizados, mas sim como independentes e orgulhosos de suas raízes e de sua cultura. Por isso, talvez o início de tudo tenha sido em Londres.

No primeiro ano, foram 70 artistas. Em 2014, 17 galerias e 100 artistas. Em 2015, a edição de Londres trouxe 38 galerias e 150 artistas. E ainda era preciso crescer. Somente a partir de 2015 uma segunda feira foi montada em Nova York e, para esse evento, o local escolhido foi o Brooklyn.

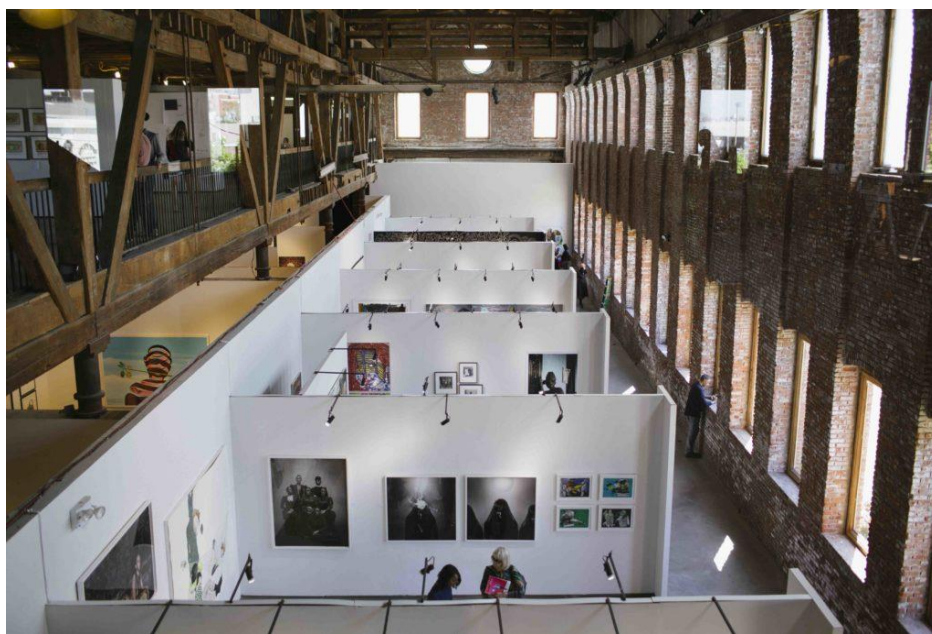


Figura 2 - 1:54 New York 2015, Pioneer Works, Brooklyn.  
Photo: © Katrina Sorrentino, courtesy 1:54 Contemporary African Art Fair.

O *Pioneer Works Center for Arts & Innovation* no Brooklyn (Fig. 2) é um centro de pesquisa e experimentação da cultura contemporânea. Por intermédio de uma ampla gama de programas educacionais, comunidades de acolhimento, performances, artes e ciência, residências e exposições, *Pioneer Works* busca transcender as fronteiras disciplinares tradicionais e proporcionar um espaço no qual modos alternativos de pensamento são suportados e ativados de maneira tangível.



A organização sem fins lucrativos foi fundada, em 2012, pelo artista Dustin Yellin, e está localizada em um armazém de uma velha fábrica em Red Hook, Brooklyn. Após uma extensa renovação, as instalações agora abrigam estúdios de arte, locais apropriados para exposições e performances, um laboratório de ciências, um estúdio de gravação e outros espaços que surgem de acordo com as necessidades.

Em 2015, a edição americana da *1:54* trouxe 16 galerias e 68 artistas ao *Pioneer Works* e, em 2016, 21 galerias e 65 artistas. Portanto, números que só crescem, juntamente com a visibilidade da arte contemporânea africana. Sobre essa visibilidade e a importância de trazer artistas para os grandes mercados, Touria El Glaoui, diretora da feira, coloca uma questão política muito pertinente. Ela diz:

Por que não vimos este artista antes? Por que eles não estavam no mercado de artes antes? Quando você apenas pensa sobre isso, e talvez isto seja político: por que artistas africanos precisam de tantos vistos para virem à Europa ou aos Estados Unidos? Mesmo quando eles ganham prêmios, eles não podem receber os prêmios porque eles não podem receber seus vistos para vir buscar seus prêmios. Então eu acho que é definitivamente mais difícil ser um artista no continente e ter uma presença internacional por causa de todas as questões relativas aos vistos e em um sentido isto talvez seja político. É alguma coisa que se aplica apenas a artistas africanos. Você tem que provar que você vai continuar a viver na África e quando você é um artista independente você não pode provar que você tem um salário, você não pode provar tudo isso. Nosso desafio mais difícil começa quando convidamos artistas para participarem das falas e temos que fazê-los vir a Londres ou a Nova Iorque e eles não conseguem obter o visto a tempo. Algumas vezes nós pagamos pelos bilhetes e tudo e eles não podem obter o visto. Eles precisam de tudo para provar que eles estão apoiados, mas aí eles não recebem o visto. Para nós esta é a luta que eles vivem, eu acho que as pessoas não se dão conta de quão difícil é.<sup>5</sup>

A criação de um polo artístico e cultural desta dimensão inscreve-se, sem dúvida, numa abordagem prospectiva, cuja aposta é conseguir desbloquear e alargar a esfera de produção e de visibilidade das artes contemporâneas africanas. A última década foi testemunha de uma interessante evolução na abordagem da arte africana, a partir da qual não basta que alguns artistas tenham conseguido construir para si mesmos um pequeno espaço no circuito internacional, mas é preciso que se aborde de frente esse processo criativo contemporâneo da arte africana.

Segundo Alfons Hug, curador, crítico e organizador de exposições, em seu texto curatorial da exposição *Ex África*:

---

<sup>5</sup> GLAUOI, Touria El. In: VUDAL JUNIOR, Ícaro. Mercado, visibilidade e sustentabilidade para a arte contemporânea africana, conversa com Touria El Glaoui, diretora de *1:54*. *Revista Buala*. São Paulo. Mai/2016. Trecho da entrevista disponível em <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/mercado-visibilidade-e-sustentabilidade-para-a-arte-contemporanea-africana-conversa-com-> (Acesso em 02 de julho de 2016).

As exposições que pipocam na última década se esforçam primordialmente para definir estruturas históricas e temáticas concentradas no contexto, mais do que na estética ou nas fontes de inspiração, nos problemas políticos e não nos processos criativos. Havia chegado a hora de abordar o fato contemporâneo como tal, ou seja, olhar primeiro a obra e, em seguida, analisar o contexto intelectual que a produziu. E é aqui que se pode justificar uma visão pancontinental de criatividade.<sup>6</sup>

O segredo de uma obra de arte que atinge seu objetivo é que ela nos sensibiliza. Seja qual for o suporte que o artista tenha escolhido usar, quaisquer que sejam os conceitos muito pessoais que contenha, a obra tocará aquela parte de nós que define a nossa empatia com o objeto. Sem dúvida, é por isso que nem sempre será fácil abordar a contemporaneidade na África.



Figura 3 - 1:54 de Marrakesh, Marrocos 2018. La Mamounia Hotel local da feira.  
Photo: © Katrina Sorrentino, courtesy 1:54 Contemporary African Art Fair.

Em 2018, foi dado um novo passo em direção à afirmação da arte africana: a abertura da feira em Marrakesh, Marrocos (Fig. 3). A edição marroquina da *1:54 Contemporary African Art Fair* teve sua instalação em La Mamounia, um dos mais importantes e famosos hotéis do Marrocos. Acolhendo galerias da África e do resto do mundo, em 2018 apresentou um programa de conferências e eventos em parceria com instituições locais. A nova edição de *1:54* completa a rede global já cultivada por cinco anos em suas feiras em Nova York e Londres.

A ideia é boa, o conceito é necessário para abranger uma produção artística esquecida por muitos anos. Essa oportunidade de visibilidade talvez venha mais para aquecer um

<sup>6</sup> HUG, Alfons. *Ex África*. Texto Curatorial ó Catálogo de exposição Ex África ó São Paulo, SP, 2017, p.29.

mercado do que para fomentar a arte e a cultura africana em si. Empurrar o crescimento do mercado por meio de feiras e vendas dedicadas é apenas o primeiro passo. O próximo é integrar a arte do continente no mercado sem vê-la como uma arte exótica, ou uma arte de aeroporto, elevando os paradigmas geográficos de longa data para refletir cenas e movimentos artísticos contemporâneos. A sua presença no calendário do mundo da arte continua a aumentar a visibilidade internacional dos artistas africanos, o que acabará por se traduzir no mercado.

A cena artística da África difere muito de país para país. No que diz respeito à arte contemporânea, a África do Sul assumiu a liderança nos últimos anos, com a abertura de *Zeitz MOCAA*<sup>7</sup>, na Cidade do Cabo, e a aparição de feiras como *Cape Town Art Fair*<sup>8</sup> e *Joburg Art Fair*<sup>9</sup>. A Nigéria também viu um *boom* de riqueza relacionada ao petróleo, o que promoveu uma cena artística evidenciada pela fundação da Feira de Arte Contemporânea Internacional *Art X LAGOS*, em 2015. A cena artística egípcia também é animada com a *Feira de Arte do Cairo*, agora entrando em seu quarto ano.

Resta observar como, ao longo das próximas edições, a plataforma *1:54 Contemporary African Art Fair* irá dialogar com o conceito de diáspora ó ele mesmo bastante plural ó e como ela irá abranger a produção de artistas afrodescendentes de países como o Brasil, por exemplo. De qualquer maneira, sua proposta colaborativa e o foco num programa discursivo crítico dão mostras de que a *1:54* é uma pequena ambiciosa que veio para transformar. Meu desejo é de que seja um crescimento contínuo e constante, ao invés de um novo tipo de *boom*.

## Referências

### Artigos consultados

MUNANGA, Kabengele. *A dimensão estética da arte negro-africana tradicional*. In: AJZENBERG, Elza. (Org.) *Arteconhecimento*. São Paulo: MAC/USP, 2004. Disponível em <http://www.macvirtual.usp.br/mac/arquivo/noticia/Kabengele/Kabengele.asp> (Acesso em 30 de junho de 2016).

VUDAL JUNIOR, Ícaro. *Mercado, visibilidade e sustentabilidade para a arte contemporânea africana, conversa com Touria El Glaoui, diretora de 1:54*. Revista Buala. São Paulo. Mai/2016. Disponível em <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/mercado->

<sup>7</sup> Museum of Contemporary Art África.

<sup>8</sup> A 6ª edição da Cape Town Art Fair aconteceu de 16 a 18 de fevereiro de 2018, no Centro Internacional de Convenções da Cidade do Cabo.

<sup>9</sup> Joburg Art Fair é uma feira de arte contemporânea realizada anualmente em Johannesburgo, na África do Sul. A primeira edição foi realizada em 2008.



visibilidade-e-sustentabilidade-para-a-arte-contemporanea-africana-conversa-com (Acesso em 01 de julho de 2016).

WILCOX, Isabel. *Contemporary African Art: 1:54 greeted with enthusiasm in London*. Revista Eletrônica Happening África. Nov/2015. Disponível em <http://www.happeningafrica.com/contemporary-african-art-154-greeted-with-enthusiasm-in-london/> (Acesso em 02 de julho de 2016)

### **Catálogo de exposição**

HUG, Alfons. *Ex Africa/Alfons Hug*; Catálogo da Exposição Ex Africa ó São Paulo, SP. 2017.

### **Sites de entidades/artistas consultados**

1:54 Contemporary African Art Fair. Site oficial do evento. Disponível em <http://1-54.com> (Acesso em 15 de março de 2018)

MABUNDA, Gonçalo - Site pessoal do artista. Disponível em <http://www.goncalo-mabunda.com/pt-pt> (Acesso em 30 de junho de 2016)

MAHAMA, Ibrahim. Site pessoal do artista. Disponível em [http://www.saatchigallery.com/artists/ibrahim\\_mahama.htm?section\\_name=pangaea](http://www.saatchigallery.com/artists/ibrahim_mahama.htm?section_name=pangaea) (Acesso em 30 de junho de 2016)

PIONNER WORKS CENTER FOR ARTS & INNOVATON. Site oficial do centro. Disponível em <http://pioneerworks.org/> (Acesso em 02 de julho de 2016)

SOMERSET HOUSE. Site oficial do local. Disponível em <https://www.somersethouse.org.uk/> (Acesso em 02 de julho de 2016)

### **Imagens utilizadas**

Figura 4 - Somerset House London ao fundo. Em primeiro plano obra de Zak Ove (1966), *The Invisible Man and the Masque of Blackness*, (2016). Photo: Naomi Rea

Figura 5 - 1:54 New York 2015, Pioneer Works, Brooklyn. Photo: © Katrina Sorrentino, courtesy 1:54 Contemporary African Art Fair.

Figura 6 - 1:54 de Marrakesh, Marrocos 2018. La Mamounia Hotel local da feira. Photo: © Katrina Sorrentino, courtesy 1:54 Contemporary African Art Fair.